



## Cadernos Camilliani

Cássio Adriano Braz de Aquino<sup>1</sup>  
Mabel Melo Sousa<sup>2</sup>  
Francisco Herbert Pimentel  
Monteiro<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Professor Doutor Adjunto do Departamento de Psicologia - UFCE

<sup>2</sup>Mestranda em Psicologia

Bolsista da FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico

<sup>3</sup>Mestrando em Ciências Sociais

Bolsista da FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Endereço:

Universidade Federal do Ceará  
Centro de Humanidades  
Departamento de Psicologia  
Av. da Universidade 2762 - Benfica  
Fortaleza - Ceará / Brasil  
Cep: 60020-181  
E-mail: pospsi@ufc.br

# A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA E OUTRAS AÇÕES COMO ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO: CASO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE HORIZONTE-CE

THE RECOVERY OF BLACK CULTURE AND OTHER ACTIONS AS DEVELOPMENT STRATEGIES: THE QUILOMBOLA ALTO ALEGRE COMMUNITY'S CASE, HORIZONTE-CE

**Palavras-chave:** Negros; Desenvolvimento Social; Identidade Cultural.

**Key-words:** Black People; Social Development; Cultural Identity.

### Resumo:

O artigo tem como objetivo refletir acerca do resgate e da valorização da cultura e da identidade negra e de projetos de políticas públicas como estratégias para propiciar o desenvolvimento social de comunidades de descendentes de quilombos. A metodologia adotada foi a abordagem qualitativa, por meio da análise de falas de moradores da Comunidade Quilombola de Alto Alegre, em Horizonte-CE sobre mudanças ocorridas na região e na vida das pessoas após o início do movimento de resgate da cultura local. Os depoimentos apresentados apontam, no mínimo, para uma elevação da auto-estima e para o fortalecimento das raízes culturais daquela população.

### Abstract:

This paper aims at reflecting on the rescue and recovery of the black culture and identity, and also on projects of public policies and strategies in order to foster the social development of communities of descendants of quilombos.

The methodology used was that of qualitative approach, through analysis of discourse of the residents of Quilombola Community in Alto Alegre Horizonte-CE, about changes in the region and in people's lives after the beginning of the movement to save the local culture. The evidences presented indicate at least the raising of self-esteem and strengthening of the cultural roots of that population.

## INTRODUÇÃO

O artigo é fruto da articulação entre duas pesquisas dos cursos de Mestrado em Sociologia e em Psicologia da UFC - Universidade Federal do Ceará que estão sendo realizadas em um mesmo campo: o território quilombola do município de Horizonte-CE. Tem como objetivo refletir acerca do resgate e da valorização, da cultura e identidade negras, e sobre a necessidade de políticas públicas como estratégias para propiciar o desenvolvimento de comunidades de descendentes de quilombos.

O interesse pela temática surgiu da constatação de que estão ocorrendo iniciativas provindas dos setores público e social, que buscam a valorização da cultura e identidade étnica dos povos constituintes da população brasileira, os quais se encontravam esquecidos ou estigmatizados pelo preconceito da sociedade, no sentido de promover a melhoria de qualidade de vida dessas pessoas, a partir de ações que visem ao resgate da cultura e da história de vida desses povos.

Para as reflexões e os resultados aqui apresentados foi realizado um levantamento bibliográfico sobre categorias e aspectos pertinentes ao estudo de caso e foram utilizadas informações da pesquisa de mestrado intitulada **Alinhavando Sonhos - Construindo Realidades: Os Significados do Trabalho para Mulheres do Município de Horizonte - CE** (SOUSA, 2008).

A perspectiva adotada na investigação citada incidiu na abordagem qualitativa, a qual, segundo Rey (2002), constitui via de acesso a dimensões do objeto inacessíveis ao uso que nessa ciência se tem feito do quantitativo. Em Minayo (1994), observa-se que essa metodologia se preocupa com um nível de realidade

que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes. Foram, então, utilizados trechos de falas obtidas em entrevistas da pesquisa para a presente análise.

Vale ressaltar que o projeto foi devidamente aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, de forma que a utilização dos depoimentos foi autorizada pelos sujeitos através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO

Horizonte, localizada na região metropolitana de Fortaleza, estado do Ceará, tem suas raízes históricas ligadas ao município de Pacajus, ao qual pertencia enquanto distrito. Possui extensão territorial de aproximadamente 192 km<sup>2</sup> e dista 40 km da capital cearense, cujo acesso se dá pela BR 116. Geograficamente, divide-se em quatro regiões principais ou distritos, sendo: Sede, onde se concentra 83,24% da população, Queimadas, Aningas e Dourado.

Em apenas vinte e um anos de emancipação, Horizonte vem construindo uma história de crescimento econômico<sup>1</sup>, despontando hoje como um dos principais pólos industriais, representando a 5ª economia do Ceará, e apresentando grande crescimento demográfico, resultado da intensa industrialização ocorrida a partir do início da década de 1990 (SOUSA, 2007).

A Fundação Cultural Palmares, instituição federal vinculada ao Ministério da Cultura, considera como remanescentes das comunidades dos quilombos, quilombos, mocambos, terras de preto, comunidades negras rurais ou comunidades de terreiro:

[...] os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra, relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2007).

Constituído pelas comunidades de Alto Alegre, Vila Nova, Alto do Estrela, Cajueiro da Malhada, Vila Nova e Alto da Boa Vista, todas localizadas no distrito de Queimadas, o território quilombola de Horizonte passa, desde o segundo semestre de 2007, por um processo de demarcação geográfica, realizado pelo INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - e é constituído por aproximadamente 520 famílias. Apresenta, como outras comunidades quilombolas do Brasil, IDH - Índice de Desenvolvimento Humano - abaixo das médias estadual e nacional, além de inúmeros problemas sociais e econômicos, como altos índices de alcoolismo e desemprego. Esse índice é calculado a partir de indicadores de educação, longevidade (expectativa de vida ao nascer) e renda (PIB per capita).

Sobre a comunidade quilombola, há indícios de que a região foi inicialmente habitada cerca de três ou quatro gerações anteriores às dos atuais adultos. Há consenso, porém, com relação ao seu fundador: os moradores contam que Cazuzu foi um escravo que fugiu de áreas próximas à atual Barra do Ceará, em Fortaleza, para a direção da cidade de Pacajus. Na época, conheceu uma descendente indígena, com quem se casou e se instalou na localidade que hoje é considerada quilombo, visto que conhecidos de Cazuzu, também, fugitivos, foram se juntando ao casal, formando o povoado de Alto Alegre.

A origem desse nome, apesar de haver controvérsias, é delegada ao fato de que, no período de fundação do povoado, as pessoas eram bastante festivas e faziam muitas comemorações. Uma

feita de casamento, por exemplo, segundo contam, durava até três dias e três noites seguidos. E o local onde geralmente aconteciam essas festividades estava em um canto alto, de forma que, aos poucos, a região ficou conhecida popularmente por Alto Alegre.

Embora a escravidão tenha sido abolida há mais de um século, ainda hoje os resquícios do trabalho escravo, ou da exploração da força humana de trabalho, podem ser observados em Horizonte. O povo de Alto Alegre e adjacências diz que, até há pouco tempo, era explorado pelos grandes proprietários de terra, do atual Distrito de Queimadas, membros de famílias tradicionais. Em determinados momentos, durante conversas com os moradores mais velhos da região, sentiu-se certo rancor destes, com relação a seus antigos patrões, pois as relações de trabalho pareciam ser injustas. Há relatos de que alguns trabalhadores eram castigados quando faziam algo que desagradava a seus superiores.

As principais atividades laborais praticadas nesse período aconteciam em casas de farinha, no roçado, na cozinha das casas grandes. Os homens trabalhavam em troca de alimentos e moradia, ou recebiam parte da produção no sistema de meia, no qual o proprietário fornecia a terra, as sementes e as condições para o plantio, e o trabalhador, o responsável por todo processo de plantação e colheita, recebia, ao final, metade do que foi produzido.

Mesmo com toda a miscigenação que vem acontecendo nos últimos anos na cidade de Horizonte, por conta da intensa migração ocasionada pela industrialização, o território quilombola ainda possui uma tradição familiar bastante forte. Alguns sobrenomes se destacam e estão presentes no registro civil da maioria das pessoas, cujas raízes são da região. O casamento entre parentes era bastante valorizado, no sentido de dar continuidade à linhagem, ao passo que a união com “brancos” era rejeitada pelos chefes de família.

A partir do reconhecimento oficial do território pela Fundação Cultural Palmares, no ano de 2005, bem como de ações diversas que vêm sendo implementadas com o intuito de resgatar, e valorizar, a história de vida e as características desse povo, aspectos da cultura negra que estavam esquecidos no cotidiano estão voltando a fazer parte daquela realidade.

Há alguns anos, para praticar capoeira, as pessoas tinham de se dirigir ao centro de Queimadas, atualmente existem grupos nas próprias comunidades. O maculelê e a dança do fogo contam com grupos que se apresentam nas festividades da região e em outras cidades. Além disso, seguindo parâmetros federais, os professores do município de Horizonte foram capacitados para trabalharem, em sala de aula, com os alunos, a temática da história negra do Brasil, no sentido de resgatar, e enaltecer, os elementos dessa etnia constitutiva do povo brasileiro.

Em 2003, com o apoio da Prefeitura Municipal de Horizonte, foi oficializada a ARQUA – Associação de Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre e Adjacências. A criação consistiu em um requisito para a regularização da comunidade, como quilombo, junto ao Estado Brasileiro. Mesmo não tendo sede própria, a associação, constituída somente por moradores da região, em número aproximado de 300 associados, busca, por meio de parcerias e apoios externos, melhorias para a comunidade, por esta razão vem ganhando visibilidade estadual e nacional.

### **CULTURA E IDENTIDADE ÉTNICA QUILOMBOLA**

A origem etimológica da palavra cultura remonta ao final do século XVIII e início do século XIX. Nesse período o termo de origem germânica *Kultur* é utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade. Como contraponto, tem-se a palavra francesa *Civilisation* que se refere principalmente às realizações materiais de um povo. Per-

cebe-se, assim, a existência de uma diferença entre aspectos da civilização (*Civilisation*) e a realidade interior e espiritual da cultura (*Kultur*) (KUPER, 2002).

Posteriormente, o antropólogo americano Edward Tylor sintetizou os dois conceitos no vocábulo inglês *Culture*, quando disse

tomado em seu sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (*apud* LARAIA, 1987, p. 25).

Assim, para a antropologia, cultura é todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, ou seja, o homem organiza sua conduta coletiva por meio de sistemas simbólicos que ele mesmo cria e transmite sob a forma de regras. Nesta perspectiva, o homem se torna o que é ao crescer num determinado ambiente cultural. Em outras palavras, questões raciais e étnicas, sexualidade, nacionalidade, religião, os modos de fazer e viver são construções culturais e não condições naturais.

Por ser a cultura produto da organização social do grupo, ou seja, a cultura que determina a organização grupal, ela se manifesta de forma mais nítida quando confrontada com a diferença. Assim, a cultura torna-se elemento fundamental de afirmação de uma identidade coletiva e individual. Os elementos culturais passam a ser manuseados de acordo com a necessidade do grupo na construção de uma identidade.

Dessa forma, a identidade permite a um indivíduo localizar-se num dado sistema social e ser localizado por este. Essa categoria se constitui em função de um grupo que permite ao sujeito sua inserção em um conjunto social, mas que também depende das ações individuais do mesmo sujeito.

Todo processo de identificação leva, simultaneamente, à inclusão e à exclusão, ou seja, ele identifica aqueles que são iguais perante algum ponto e os distingue daqueles diferentes. Então, a identidade cultural está baseada na diferença cultural. Para Kathryn Woodward (2000), a identidade também assume o aspecto relacional. Para existir, ela depende de algo fora dela, de outra identidade que ela não é, a qual, entretanto, fornece as condições para que exista. A autora considera necessários para a construção e manutenção do material identitário o social e o simbólico, tidos como dois processos diferentes. A marcação simbólica é o meio pelo qual o homem dá sentido às práticas e às relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. E é por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são 'vivas' nas relações sociais (WOODWARD, 2000).

A identidade depende de um contraponto, de um processo de diferenciação, de separação, de ruptura para ganhar significação. As identidades e as divisões a que implicam os sujeitos não são práticas neutras, mas estão permeadas por conflito e negociação. Nesse sentido, a identidade é também uma questão de poder, de política.

Outra discussão interessante diz respeito ao conceito de grupo étnico. Conforme Cunha (1986), o que define os diferentes grupos étnicos<sup>2</sup> é o estabelecimento da fronteira entre um e outro, o que é feito pela atribuição da diferença, pelos traços diacríticos<sup>3</sup>. Pode-se dizer que alguns elementos da cultura são forjados para tornarem-se sinais diacríticos e serem considerados elementos constituintes de uma identidade. São estes os traços que vão estabelecer fronteiras entre um e outro grupo, sendo escolhidos pelos seus agentes. Vivendo num processo de constantes mudanças, causadas pelas circunstâncias naturais e pela interação social com outros grupos, a cultura, nestas condições, passa a ser o produto de determinado grupo e não o contrário.

Muitas dessas construções identitárias são elaboradas buscando a diferenciação do "outro", visando a reformas políticas, modificação de leis e geração de políticas sociais. Nesse sentido, adota-se o conceito proposto por Oliveira (1976) de identidade contrastiva<sup>4</sup>, em que se funda um debate em torno da identidade do grupo. Sendo assim, os quilombolas constroem novas identidades partindo de antigos ou novos sinais diacríticos na busca de criar valores diferentes do "outro" estabelecendo, então, fronteiras étnicas.

Trazendo a discussão para o contexto de famílias de remanescentes de quilombos; convivendo, e mantendo relação constante, com outros grupos, é necessário que os quilombolas se afirmem enquanto grupo étnico, que escolham seus traços diacríticos para legitimar sua identidade, pois, conforme Barth (1998), o contato social entre pessoas de diferentes grupos étnicos permite a persistência de diferenças culturais. Dessa forma, as características são determinadas pelos grupos em questão. Seguindo o raciocínio do mesmo autor, alguns traços culturais são esquecidos, outros selecionados e, ainda, há aqueles negados ou ignorados.

As ações desenvolvidas pelo grupo pesquisado, como uma associação comunitária, danças culturais e manutenção de um território, demarcam identidades coletivas, em torno de linguagens comuns de códigos, interesses etc. Por isso, as práticas de construção da identidade quilombola não podem ser tomadas isoladamente, sem levar em consideração a importância desses atores na construção de novas estratégias de aglutinação e ação coletiva. Assim, a construção desses sujeitos sociais obedece a percursos específicos.

Na fala de alguns quilombolas do território de Horizonte, notou-se que sua identidade se transformou ao longo dos anos. As transformações ocorreram em relação às próprias mudanças experimentadas, por eles, na comunidade e na interação com outros grupos e instituições (organi-

zações governamentais, não-governamentais, associações, escolas etc.).

Um senhor revelou que o sentimento em relação a ser negro mudou após todo esse movimento articulado à questão da identidade negra:

A minha tia parecia que ela estava algemada, ela se sentia avergonhada da cor dela, de tá no meio dos brancos. Eu não me sentia avergonhado, mas eu tinha aquela cisma, sinceramente, eu tinha aquela cisma, mas hoje, graças a Deus, parece que quebrou as algemas da gente. Nós vivemos bem alegres, bem folgados, graças a Deus, e hoje eu me sinto feliz, me sinto o nego mais bonito de Horizonte.

O depoimento de uma jovem da comunidade também refletiu essas mudanças:

Porque a maioria da negrada tinha um racismo, né? Não todos, mas a maioria do pessoal que morava aqui tinha vergonha dos negros. Eu acho que isso aí, depois de 2005, que houve, que os africanos vieram, vamos dizer, que resgataram o Alto Alegre, e a gente sabia, que eram descendentes de quilombolas, eu acho que isso aí mudou muita coisa.

Trata-se de uma transformação na percepção do que é ser negro na sociedade em que vivem e a que construção essa “nova” identidade está ligada, às discussões sobre o fortalecimento dos laços identitários e das ações que têm sido implementadas na região, quanto às origens daquele povo.

Esses laços identitários ainda são reforçados pela inserção do estudo da cultura negra em sala de aula pelas escolas do município. Segundo uma professora de Educação Infantil, de uma escola da comunidade, após as discussões sobre o que é ser negro, uma outra visão está sendo construída entre os jovens:

Os jovens de primeiro tinham preconceitos com eles próprios, e hoje a gente já estamos vendo que eles não tão mais com esse preconceito. Existe o preconceito com alguns, mas só que hoje esse preconceito já tá sendo um pouco quebrado, diante da juventude que tinha aqui. Mas agora só tá faltando a gente quebrar o preconceito com algumas pessoas que não acreditam que nós temos o nosso próprio valor. Nós temos a nossa própria cultura, alguns ainda, na nossa própria comunidade, não estão ainda acreditando no que tá acontecendo na comunidade, no que tá acontecendo com nós mesmos.

O contato com a associação, as ações que vêm sendo desenvolvidas pelo poder público e outros acontecimentos tem despertado nos moradores questionamentos, e reflexões, sobre a construção da identidade étnica, contribuindo não somente para a afirmação de sua identidade negra, como também para a sua negação. Isto confirma que a identidade é um constante vir a ser, é impulsionada e, ao mesmo tempo, delimitada pelo *locus* societário, numa constante tensão entre a transformação e a conservação.

O reconhecimento da Comunidade Quilombola de Alto Alegre fortalece sua identidade, mantendo um conjunto de signos que os distinguem como um grupo diferenciado. Embora com mudanças, a fidelidade às suas origens é mantida. O ser quilombola está presente no seu dia-a-dia, nas suas relações, nos seus discursos. Sobre a oficialização da comunidade enquanto quilombo, uma jovem fornece seu depoimento:

Só que isso vem trazendo benefícios pra comunidade. Eu sou quilombola. Eu sou assim porque meu pai, minha mãe é negra e meu pai é branco, e eu tenho essa corzinha meio amarelada. Mas é

assim. Eu nasci no Alto Alegre e eu sei bem como era. A gente, nós mesmo tinha preconceito com a gente mesmo. E às vezes a gente tinha certas participações, que a gente tinha que ir pra outro canto, que surgia o preconceito. “Ah, neguim do Alto Alegre!”. Hoje não. Hoje, vamos receber a Comunidade Quilombola, né? Já muda, todo mundo fica curioso, quem é os quilombola? Todo mundo fica ansioso. E é assim. Eu vejo pessoas comentando que hoje eles se orgulham de ser negro. Porque a Tia Antônia é uma pessoa, uma das idosas aqui do Alto Alegre, e ela tinha preconceito com a cor dela. E ela deu vários testemunhos disso, que ela tinha preconceito com a cor dela. E hoje não, ela se orgulha de ser quilombola, se orgulha de ser negra, porque hoje ela é reconhecida em todos os cantos, né? Não só aqui no Horizonte, mas pelos outros cantos. E agora a gente tá sendo mais visto, coisa que a gente não conseguiu, agora a gente tá conseguindo.

Essas citações confirmam que a identidade quilombola não deve ser compreendida como algo constituído; pelo contrário, ela é uma construção, e deve ser percebida como um “processo identitário”. Hall (2002) reforça essa concepção argumentando que “a identidade étnica vai se reconstituindo e reconfigurando ao longo do processo histórico. Não se pode entendê-la como algo dado, definido plenamente desde o início da história de um povo” (p. 82).

A identidade é, assim, um discurso que classifica a realidade determinando o que está dentro e o que está fora da identidade e é mais o “produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica” (HALL, 2000, p.109).

Admite-se, de todo modo, que os discursos de identidade são discursos que,

embora constantemente confrontados pela diferença, procuram um fechamento, uma ilusão de verdade, de essência, um centro ao qual tudo possa ser referido.

Já os mais idosos que habitam o povoado de Alto Alegre e arredores não se identificam com essa nova terminologia de “remanescentes de quilombo” que lhes vêm sendo atribuída. Eles buscam desvincular-se de uma imagem tão caricata e depreciativa, que lembra a condição dos escravos, que nada trazem de orgulho na afirmação de sua alteridade. É importante notar que o processo de identificação de comunidades remanescentes de quilombos leva, automaticamente, os agentes sociais em questão – tanto os chamados quilombolas, quanto seus antagonistas – a lidar com um passado doloroso e não resolvido.

Segundo a professora citada anteriormente, há entre esses moradores de mais idade um receio em assumir a condição de negros:

Ele não quer assumir sua própria origem porque eles cresceram naquilo, que o nego é o braço a torcer burro. Eles cresceram naquilo e ficam amarrados naquilo, por isso que hoje não quer dar que ele é o próprio negro. Víamos sempre que o negro só servia pra trabalhar pros brancos. Essa era a visão que as pessoas da nossa comunidade tinha, era essa a visão deles, é por isso que eles tinham um certo receio de onde estavam os brancos e nós negros lá no meio, a gente tinha um pouco de receio de estar ali perto deles. Mas graças a Deus, nos estamos quebrando esse tabu.

A construção dessa percepção muitas vezes conta com a presença de mediadores (ONG’s, técnicos, especialistas e legisladores) e é algo que demanda múltiplos elementos, dentre os quais mais discussões e mais contato com

esse outro lado da história, para que esses moradores possam entender certas manifestações racistas por parte da sociedade. E, juntos, exigir mais respeito.

Com relação à região estudada, pode-se dizer que a questão da identidade negra se encontra em pleno processo de construção, como pôde ser observado no discurso dos moradores da Comunidade Quilombola de Alto Alegre. Aos poucos, eles vêm assumindo sua origem negra, demonstrando, até, orgulho pela sua descendência, mobilizando-se para tentar mudar o contexto de discriminação que ainda os permeia.

### **A EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO SOCIAL**

Durante o ano de 2007, o NUTRA - Núcleo de Psicologia do Trabalho, projeto de extensão da UFC, executou o projeto “Alinhavando Sonhos / Construindo Realidades – um resgate da criatividade e da cultura para a geração de trabalho e renda entre mães chefes de famílias oriundas de comunidades de Fortaleza e Horizonte”, integrante do Programa Nacional de Promoção da Inclusão Produtiva de Jovens (PRODOC BRA/05/028).

Esse programa, desenvolvido pelo MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e financiado pelo PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, tem como diretriz estratégica o enfrentamento das situações de pobreza da população brasileira. Neste sentido, a promoção da inclusão produtiva significa o fortalecimento dos vínculos sociais, familiares e comunitários, por meio do desenvolvimento de capacidades e condições para um agir com autonomia, do reconhecimento do protagonismo das populações e das ações coletivas realizadas no campo da produção material e social.

Mais do que superar a fome e a miséria, as ações do MDS são norteadas pelo propósito de que a população brasileira possa viver de forma digna e autônoma, a partir de uma formação cidadã, do fortalecimento da autonomia e da pro-

moção do protagonismo social, político e econômico dos envolvidos. Essa visão traduz a compreensão de que o desenvolvimento deve ser concebido em sua acepção mais ampla, a qual supera uma falsa dicotomia entre o desenvolvimento econômico e o social. Sendo assim, as ações visam ao fortalecimento da organização social da comunidade beneficiária e à melhoria da qualidade de vida da parcela historicamente excluída da população brasileira (BRASIL, 2007).

O projeto “Alinhavando Sonhos / Construindo Realidades”, cujo objetivo geral foi qualificar profissionalmente mães chefes de família para a geração de trabalho e renda, teve o território quilombola de Horizonte como um dos núcleos de atuação.

A escolha da comunidade quilombola de Horizonte como uma das regiões para a sua implantação não ocorreu por acaso, seguiu uma proposição de âmbito federal. A missão da Fundação Cultural Palmares corporifica os preceitos constitucionais de reforços à cidadania, à identidade, à ação e à memória dos segmentos étnicos dos grupos formadores da sociedade brasileira, somando-se, ainda, o direito de acesso à cultura e à indispensável ação do Estado na preservação das manifestações afro-brasileiras.

Durante todo o projeto, em um período de dez meses, foram oferecidos, para as vinte e cinco mulheres do grupo, cursos na área de costura e oficinas de crescimento e desenvolvimento interpessoal, entre inúmeras atividades. Com tais ações, procurou-se afirmar a cultura negra da Comunidade Quilombola de Alto Alegre e valorizar as pessoas da região. Isso ocorreu, por exemplo, na confecção das peças de vestuário, quando se utilizavam matérias-primas encontradas nas mediações das casas das participantes, na busca de profissionais do próprio município, para facilitar os cursos e oficinas, no incentivo à utilização de elementos da cultura local visando ao fortalecimento da identidade e da cultura em todas as fases de fabricação dos produtos.



No final de junho de 2007, foi realizado um seminário para socializar as atividades do projeto em sua primeira etapa. O evento representou um momento de suma importância para a visibilidade interna e externa dos grupos. As mulheres demonstraram estar orgulhosas por aquilo que produziram, já que foi feita uma mostra da produção para a comunidade acadêmica. Os depoimentos listados abaixo, oriundos dos documentos de avaliação da atividade preenchidos por participantes, refletem a visão delas acerca da sua vivência no projeto:

É uma experiência que temos que agarrar. Nunca pensei que fosse capaz. Não costurava nem mesmo as roupas do meu marido e consegui produzir. Poder mostrar nosso produto, nossa história, trabalhar com artesanato, foi excelente. Em só duas semanas de trabalho já conseguimos expor nossas peças. Fizemos na mão e as pessoas já queriam comprar nossos produtos. Imagine quando começarmos a costurar. É muito bom trabalhar em equipe, uma ensinando às outras. É uma oportunidade única, temos que ir em frente. Gostei muito do projeto porque mostrou que nós podemos fazer com nossa criatividade. Porque eu aprendi nova atividade e tive a chance de conhecer novas pessoas capaz de ajudá o próximo. Apesar de ter tão pouco tempo até agora deu tempo para aprendermos várias coisas interessantes, isso nos mostra que daqui pra frente temos muita capacidade para aprendermos mais e mais durante este projeto. A oficina ajudou a despertar a criatividade de todos.

Outra atividade do “Alinhavando”, importante para o debate em questão, foi um desfile de modas que aconteceu durante o evento em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra (21 de novembro).

Na ocasião, meninas de Alto Alegre e adjacências que concorriam ao título de Miss Negra de Horizonte exibiram peças desenhadas, cortadas e confeccionadas pelas mulheres do projeto, apresentando as obras elaboradas por suas conterrâneas para toda a comunidade.

Vale enfatizar que todo o processo de confecção da coleção apresentada no desfile foi gerenciado por elas próprias, sem a presença de nenhum profissional de costura ou de estilismo e moda. Essa situação mostra o alcance de um dos objetivos do projeto, relacionado com a autonomia do grupo produtivo, em ressaltar para as mulheres que elas são capazes de colocar em prática o que aprenderam com as professoras, além de demonstrarem ser criativas e apresentarem inúmeras habilidades de produção, como foi por elas colocado.

No desenvolvimento e na organização das atividades do “Alinhavando Sonhos/Construindo Realidades”, o discurso apresentado pela maioria do grupo apontou para uma autoconfiança por parte daquelas mulheres que, no início, não se sentiam capazes de produzir certos produtos ou de se candidatarem às vagas nas empresas por falta de experiência. Após a aprendizagem no projeto, essas mulheres se mostravam mais seguras para buscarem essas e outras oportunidades, além de perceberem que tinham capacidade para criar, produzir e vender suas próprias peças.

O projeto representou apenas uma dentre inúmeras ações que vêm sendo implantadas na Comunidade Quilombola de Alto Alegre, nos últimos anos, no intuito de promover o desenvolvimento econômico, social e cultural daquela população. Os próprios moradores percebem o aumento das oportunidades que lhes vêm sendo oferecidas:

Porque você procura emprego tá sendo mais fácil. Você agora costuma ganhar cursos gratuitos, coisa que não existia, né? Agora é

como se diz, você tá se capacitando como se fosse em casa, porque você não tá buscando lá fora, o projeto tá vindo até você, né? Por isso que facilitou bastante. [...] As empresas mesmo que vêm visitar a gente, né? Sempre tem empresas que vem visitar a comunidade, vem apresentar cursos, fazer planos para a comunidade. Tá tudo bem mais fácil. Que maravilha!

Esse depoimento foi obtido durante a avaliação de uma oficina de resgate da história e cultura, na qual a participante foi questionada acerca das mudanças observadas na localidade após o reconhecimento do Alto Alegre como quilombo.

## CONSIDERAÇÕES

O estudo apresentou algumas considerações acerca das ações de políticas públicas e sociais que vêm sendo implementadas na atualidade com relação ao resgate e à valorização da cultura dos povos constituintes da nação brasileira.

A região da Comunidade Quilombola de Alto Alegre, que hoje se encontra apenas aguardando a demarcação do Incra para definir os limites do seu território, tem passado por inúmeras mudanças nos últimos anos. Seus moradores vêm sendo alvo de pesquisas acadêmicas diversas, recebem visitantes e governantes de outros estados e países, são solicitados a participar de organizações do movimento negro de outras localidades. Os grupos de capoeira e de dança são convidados a se apresentarem em escolas, em eventos da própria e de outras regiões. Oportunidades de cursos, capacitações e vagas de empregos são oferecidas para as pessoas da comunidade.

Essas mudanças vêm ocorrendo a partir do início da articulação do poder público municipal juntamente com a comunidade em prol do movimento pelo resgate da cultura negra de Horizonte. Pode-se considerar o reconhecimento

oficial da localidade enquanto remanescente de quilombo, pela Fundação Cultural Palmares, como sendo a principal conquista desse movimento.

Antes dessa titulação, as perspectivas de desenvolvimento da comunidade praticamente giravam em torno dos limites territoriais do povoado. Após esse reconhecimento, a necessidade de criar mecanismos de desenvolvimento social veio atender à demanda daquela população por geração de emprego e outras necessidades.

Nesse sentido, o que pôde ser observado é que a cultura pode ser utilizada como capital simbólico dessa população, possibilitando uma outra visão de mundo, fortalecendo sua integração social com o lugar onde nasceu. Assim, projetos voltados não só para a capacitação profissional mas também valorizando as manifestações culturais podem criar um elo entre comunidade e o restante do município.

Dessa forma, as políticas públicas criam mecanismos para o desenvolvimento desses grupos por meio da valorização da identidade negra, com a cultura atuando como força propulsora, reforçando a cultura local, criando canais de expressão, possibilitando aos mais jovens conhecimentos das suas origens na tentativa de fortalecer as identidades do grupo.

A identidade quilombola também pode ser considerada importante recurso político de desenvolvimento social para o planejamento e a implementação de projetos, manifestando, principalmente, as intenções do território quilombola de manter as condições simbólicas e materiais de produção da comunidade. Isso evidencia a preocupação dos negros de Alto Alegre com o reconhecimento da identidade, que passa a ser evocada sempre que o grupo reivindica, para si, o espaço político da diferença.

A implantação do projeto "Alinhando Sonhos / Construindo Realidades" em Alto Alegre visou à implementação de políticas para o desenvolvimento da região sem perder de vista o caráter cul-

tural da comunidade reconhecida como tradicional, mantendo a representação e a participação política como condicionantes do desenvolvimento local.

Ainda não existem dados quantitativos sobre os resultados de todas essas ações e acontecimentos, por exemplo, acerca da melhoria ou não da qualidade de vida dessas pessoas, em termos de aumento do nível de escolaridade e de qualificação profissional, diminuição do desemprego e outros aspectos dessa ordem. Quanto a outros parâmetros de avaliação dessas políticas e do processo de reconhecimento e valorização dessa cultura, somente estudos futuros poderão oferecer uma visão mais objetiva dessa realidade.

Por outro lado, os depoimentos e a mobilização dos moradores daquela região apontam, no mínimo, para uma elevação da auto-estima desse povo de forma geral, para o fortalecimento das raízes culturais e para o aumento da visibilidade do povoado dentro e fora do município.

#### Notas:

<sup>1</sup>Segundo o IBGE (2008), a população de Horizonte para o ano de 2007 foi estimada em 48.660 habitantes, enquanto que, na publicação Perfil do Ceará 1991-1992, Guilherme Filho (1991) aponta o quantitativo para o ano de 1990: 16.981, o que representa um crescimento populacional de 256%.

<sup>2</sup>Vale salientar que, antes de Cunha, Max Weber (1994) já havia definido grupos étnicos como “(...) todos aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no habitus externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias” (WEBER, 1994, p.270). Essa condição, quando sentida subjetivamente por todos do grupo, seria fonte de ação comunitária.

<sup>3</sup>Traços diacríticos são sinais distintivos, de diferenciação, como a celebração de festas típicas, preservação de certo tipo de culinária e tradições locais na manutenção da identidade de um grupo em oposição a outro.

<sup>4</sup>“Partindo de Barth, elaboramos a noção de identidade contrastiva, tomando-a como a essência da identidade étnica, a saber, quando uma pessoa ou grupo se afirma como tal, o faz como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo com quem se defronta, é uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação do nós diante do outro, jamais se afirmando isoladamente (...) O certo é que um membro de um grupo indígena [ou quilombola] não invoca sua pertinência tribal a não ser quando posto em confronto com membros de uma outra etnia” (OLIVEIRA, 1976, p.36).

## REFERÊNCIAS

- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora Fundação da Unesp, 1998.
- BRASIL. Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2007.
- \_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 10 mar. 2008.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Projeto Alinhavando Sonhos Construindo Realidades**: um resgate da criatividade e da cultura para a geração de trabalho e renda entre mães chefes de famílias oriundas de comunidades de Fortaleza e Horizonte. Brasília, DF: PNUD, 2006. 30 p.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Inclusão produtiva de jovens**. Brasília, DF, 2007.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GUILHERME FILHO (Org.). **Perfil do Ceará**: 1991-1992. Fortaleza: Gráfica Tribuna do Ceará, 1991.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- \_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? Tradução Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KUPER, Adam. **Cultura na visão dos antropólogos**. São Paulo: Edusc, 2002.
- LARAIA, Roque de B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teorias, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
- REY, Fernando Luiz González. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.
- SOUSA, Mabel Melo. **Alinhavando sonhos construindo realidades**: os significados do trabalho para mulheres do Município de Horizonte, CE. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. No prelo.
- SOUSA, Maria de Conceição de. **Os efeitos da industrialização na execução orçamentária do Município de Horizonte, CE**. 2007. Monografia (Especialização em Contabilidade Pública) – Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2007.
- WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In: \_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**. 3. ed. Brasília, DF: Unb, 1994. p. 267-275.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.